

João Anzanello Carrascoza. *Elegia do irmão*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019. 148 p.

Em *Elegia do Irmão*, novo romance de João Anzanello Carrascoza, a linguagem se apresenta como um modo, mesmo que incompleto, de resistir contra a finitude a partir da capacidade de recordar. A história do romance não é repleta de acontecimentos, e seu foco não é o desenrolar de alguma situação ou o detalhamento dos personagens. Tudo gira em torno de um só fato: a morte iminente de Mara, irmã do narrador, vítima de uma doença incurável. Partindo dessa questão, são tecidas reflexões sobre o fim, as quais se ancoram nas lembranças da relação entre os dois personagens. Sendo assim, linguagem e memória são os dois pilares da narrativa que se constrói como uma imersão na perda, em uma tentativa de criar sentidos a partir do acontecido.

Trata-se de uma consolidação de determinadas temáticas bastante exploradas por Carrascoza. A própria questão da perda já foi investigada de diversas maneiras em suas obras, sendo central para a *Trilogia do Adeus* e para o livro de contos *Catálogos de Perdas*, ambos lançados em 2017. Além disso, vários elementos que já se tornaram evidências do seu estilo estão presentes, como a valorização do cotidiano, dos não ditos diários e do afeto nas relações familiares. Também nota-se um interesse pelo tema da memória e suas recriações de vivências passadas, presente em vários textos do autor, como o romance *Aos 7 e aos 40*. Mas, dos elementos do seu estilo que se apresentam no livro, aquele que talvez seja o mais importante nesse contexto, considerando o quanto está ligado à ideia central, é o trabalho poético com a linguagem, ou seja, suas experimentações no nível das frases e das palavras que buscam impregná-las de lirismo e tirá-las do registro comum da linguagem.

Há um esforço de composição das frases: muitas vezes elas são longas, encadeando diversos elementos em uma mesma construção que, por mais intrincada

que seja, nunca perde a clareza. Além disso, a narrativa frequentemente se utiliza de metáforas, tanto de forma evidente, exploradas no âmbito narrativo, quanto de maneira mais discreta, na construção do discurso, mobilizando diversas referências para suscitar a sensação de um exame da perda a partir de diversos ângulos. Comparado com os outros romances lançados pelo autor, apesar de todos terem essa característica, pode-se dizer que *Elegia do Irmão* é o que mais faz uso desse procedimento, direcionando cada capítulo para um manuseio diferente das possibilidades da linguagem.

A obra se divide em duas partes: “Um pouco antes” e “Um pouco depois”. A primeira é narrada antes da morte de Mara, trazendo o choque da descoberta da doença e da proximidade do fim, além do modo como a personagem-narrador lida com essa aproximação. A segunda parte se passa após a morte da jovem, com o protagonista vivendo o luto e ainda tentando decifrar o que sobra depois do fim. Ambas são repletas de reflexões sobre a finitude e de memórias do vínculo construído desde a infância. Porém, apesar de serem narrados diversos momentos da história dos dois, o enfoque é dado ao modo como são narrados: o tom elegíaco - e nesse ponto, o título do romance é um acerto - pois o que importa não é tanto o que é contado, mas esse lamento, ou seja, aquilo que motiva o irmão a mergulhar nas lembranças e retirar algo de lá.

Cada uma das partes se divide em diversos capítulos breves, que dificilmente ultrapassam duas páginas e são bastante independentes entre si. Todos são como instantes de ruminação da perda, não estabelecem uma continuidade, mas formam um mosaico feito de pequenos cacos. Apesar da autonomia que mantêm, diversos elementos se repetem e servem como amarras para a história narrada, demonstrando um cuidado com a estrutura. Uma recorrência importante são os incensos que aparecem logo no primeiro capítulo, em que o protagonista acende a primeira vareta da caixa que a irmã lhe deu e se deixa perder em suas memórias com ela. Esse objeto, que acaba por representar a própria fragilidade e finitude de Mara, é retomado perto do meio do romance, no capítulo em que ela lhe dá de presente a caixa; e recuperado outra vez, no final do romance, como um espelhamento do primeiro capítulo, quando o irmão acende a última vareta, que simboliza o adeus. Há diversas outras recorrências interessantes, como os desenhos das mãos unidas por cordas e as epígrafes de Rilke,

que abrem cada uma das partes, além dos capítulos que se assemelham e vários objetos e palavras que são continuamente retomados. Isso cria algo coeso a partir das incompletudes, assim como demonstra o próprio movimento repetitivo de pensar nas perdas.

Alguns capítulos, especialmente na segunda parte, como “Aquela noite” e “Outra noite”, lembram muito a construção dos contos do autor. Porém, esses são exceções, pois na maioria percebe-se uma preocupação maior com a reflexão do que com a narração. Mesmo quando surgem as lembranças, seus objetivos são levar a algum pensamento sobre o fim. O narrador, ao invés de mostrar as ações no passado acontecendo em uma cena, muitas vezes apenas diz o que aconteceu, para seguir explorando as potencialidades e símbolos do acontecido. A história está sempre atrás da linguagem que a perscruta. Diversos capítulos desenvolvem suas ideias a partir de determinados jogos linguísticos, aproximando-se muito de uma prosa poética. Vários se estruturam inteiramente a partir de determinadas expressões, como “jamais” ou “mais e menos” ou “mas”; outros são do início ao fim uma enumeração. Há capítulos em verso; outros estruturados em forma de perguntas. Alguns possuem parágrafos mais curtos e sem maiúsculas; outros se dispõem em grandes blocos.

O protagonismo é dado às palavras, nessa busca por uma elaboração do vivido. O tempo inteiro essa linguagem é posta em dúvida sobre sua capacidade de dizer, e a tensão entre dizer sabendo que não é o suficiente e dizer sabendo que ainda assim foi o que restou é um dos pontos altos do romance. O fato de a palavra não ser capaz de captar o todo de uma experiência, mas ser também o único modo conjurar as lembranças, está na base da construção do livro, considerando cada capítulo como uma tentativa desesperada de ir até o fundo das palavras. As metáforas e comparações frequentes são maneiras de acercar-se do acontecimento difícil, como acontece, por exemplo, no capítulo em que Mara conta a doença. Tudo é dito a partir de metáforas. A notícia é descrita em termos de explosão e estilhaços: os cacos são lançados na família ali presente, mas cada um os recebe de forma distinta, e os próprios capítulos evocam esses estilhaços: fragmentos maiores ou menores daquilo que explode.

Na narração das lembranças, todas são de certa forma manchadas pelo seu futuro, representado por um tom trágico, quase premonitório, que nelas se imprime. Muitos dos momentos narrados viram símbolos para o que acontecerá depois. As

memórias são teleportadas para outro contexto, a partir do olhar que vê do ponto de vista do luto, e isso gera uma tensão significativa, que traz o potencial positivo e negativo em cada lembrança. Por exemplo, os jogos de palavras entre os irmãos são rememorados e utilizados para falar sobre a morte; algumas brincadeiras também se enchem de outros sentidos, como quando o protagonista relembra uma partida em um jogo de tabuleiro, na qual a irmã chega ao fim antes, o que vira metáfora para sua morte prematura. Esse é um movimento frequente no romance, que leva os sentidos das palavras a se desestabilizarem, flutuarem. O atual se intromete no anterior, o que condiz com a forma como a memória funciona, mobilizando as lembranças do passado para reconstruí-las à luz do presente.

Porém, apesar do revestimento melancólico, o tom do romance não é pessimista. Mesmo estando centrado em uma morte, o olhar é para aquilo que vive, especialmente o que se esconde no cotidiano. Na literatura de Carrascoza, o prosaico sempre importa, e é o que mais importa. Esse cotidiano valorizado está por todo o livro, visto que os momentos mais marcantes junto a Mara são aqueles mais inseridos na vida comum. É nela que o afeto mora; e a luta do irmão é justamente em não deixar cair no esquecimento esses detalhes cotidianos que constituíam a relação entre ambos. Outra questão relevante, e também recorrente nas obras do autor, é que essas relações de afeto são repletas de silêncios. O que é dito é o mais banal, pois o que realmente está acontecendo é o milagre não visto: o mais importante se compartilha em silêncio. O amor entre os personagens é repleto de sutilezas, assim como suas tragédias. Mara fala sobre a doença baixinho, mas o protagonista só sente a verdade daquele diagnóstico com o olhar da irmã. A própria morte não é narrada, apenas o seu antes e seu depois; assim como também nunca é especificada a doença que causa a morte. Há sempre muito mais sendo dito nos silêncios.

Pode-se ler a *Elegia do Irmão* como um mergulho na perda - em sua iminência e em sua consumação - quando se tenta ir até o fundo desse sentimento, pela narrativa de memória, pelas experimentações linguísticas, pelas reflexões sobre o fim. Ao longo das páginas, o que se pronuncia é uma certeza bruta da finitude. O livro está pautado pelas negativas: o que já não é, o que logo já não vai mais ser, aquilo que não restou. Porém, esse mergulho na dor não tem por objetivo desembocar na dor novamente. A negativa leva a uma afirmação da vida, daquilo que resta enquanto restarmos. E nisso

entra também outra questão fundamental para o romance: a ideia de herança. O indivíduo carrega não apenas sua história, mas a daqueles que o cercaram, de seus antepassados, dos laços grandes e pequenos. Enquanto se vive, pode-se salvar aquele outro - o outro que não mais existe - da ausência completa. “Sou a área onde minha irmã (ainda) se faz presente” (p. 134) conclui o personagem. O ato de lembrar torna-se uma forma de dar vida a um tempo passado, um tempo de dentro, e às pessoas que nele moraram.

Júlia Nunes Azzi

Mestranda em Letras da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul